O combate de Joseph Ki-Zerbo: teórico e técnico do desenvolvimento endógeno em África

Françoise Ki-Zerbo
Notário, jurista-antropóloga
Ouagadougou

O historiador, o pioneiro africano da História de África, Joseph Ki-Zerbo é conhecido. O homem político é igualmente conhecido. Mas como a sabedoria africana lembra: "No pântano, há mais para além do crocodilo…". O intelectual Joseph Ki-Zerbo foi um professor-pesquisador, um pensador, um filósofo (quer dizer, fez uma reflexão e pesquisas específicas) que marcou o século XX e que continua a influenciar as ideias e as acções de muitos dos nossos contemporâneos.

Ele construiu com pedagogia uma teoria do desenvolvimento endógeno em África. Contribuiu significativamente, como africano autêntico, para o conhecimento de África e para o seu reconhecimento, para a reprodução social deste continente que ele tanto amava, trabalhando incansavelmente para estabelecer firmemente um processo de preservação da identidade, das identidades dos seus contemporâneos e dos que retomarão a tocha, para o desenvolvimento endógeno de África, através da aprendizagem e da transformação dos nossos valores intrínsecos.

O pensador, o " criador" que ele foi teve um procedimento antropológico. Foi um testemunho activo do mundo, da África colonial, da África das independências, da África do século XX e do início do século XXI. Como africano autêntico, ele é um modelo de comportamento. Transmitiu "Maneiras de estar, de fazer" para concretizar o ideal das comunidades de vida, diferentemente dos etnólogos "observadores externos" que examinam as nossas sociedades à luz (e segundo) da lógica de culturas ditas "desenvolvidas".

Ele tem discursos baseados nos discursos dos seus contemporâneos e dos seus antepassados, mas também com base na sua "vivência", nas suas práticas. Essa "vivência" explicou através do "concebido".

Para além disso, ele propõe novos comportamentos baseados nas representações, quer dizer em crenças e símbolos. A melhor homenagem, o melhor testemunho de respeito e de consideração que posso prestar a Joseph Ki-Zerbo, meu pai, tendo tido a oportunidade e a insígnia privilegiada de viver acontecimentos importantes da sua vida, da sua vida de intelectual até ao seu último suspiro, é conhecer melhor e dar a conhecer o seu pensamento, que nunca deixará de ser descoberto, de tal modo é multidimensional o homem e a sua obra.

Com efeito, resulta da sabedoria africana:

> O que o velho vê deitado, o jovem, mesmo em pé não consegue avistar.
>
> Quando a memória vai procurar lenha para se aquecer, ela traz somente os melhores troncos.

Este artigo é assim inteiramente dedicado ao pensamento de Joseph Ki-Zerbo, apresentado na sua substância, à nossa maneira. Isto tanto mais que, de resto os Bambaras dizem:

> *N'i ma se ka yelen y fa yelen jiri koro kan, i ka son, a ka na sa.* Literalmente: "Se não consegues subir à árvore do teu defunto pai, rega-a para evitar que ela morra". Mas sobretudo, "É considerando a farinha que se tem na mão que se mede a água para a massa".

A necessidade de agir, de conhecer e manter as nossas raízes é imperiosa. É pois um dever filial que eu cumpro, como ele próprio o fez tão bem antes de nós, convidando os jovens deste continente como teórico, mas também como homem de acção.

Muitos são aquelas e aqueles que foram testemunhas de momentos de comunhão intensa entre Joseph Ki-Zerbo e os seus contemporâneos, os intelectuais, os investigadores, os camponeses, as mulheres, os jovens, as crianças, tanto à escala internacional, como no continente, nas capitais, aldeias, anfiteatros, salas de conferência, salas de aula, laboratórios de pesquisa,…

Esses jovens, esses intelectuais de todas as raças e condições, já lhe agradeceram, já lhe prestaram homenagem e continuam a prestar-lhe homenagem.

À injunção dos que ele identificou com o vocábulo "desenvolmentirosos": "Silêncio" Estamos a desenvolver"; ele respondeu: "Não se desenvolve; desenvolvemo-nos". Ele não se contentou em responder, ele agiu e isso durante mais de meio século.

Não se desenvolve: as representações das raízes para se ser si próprio e se desenvolver

Ele foi um rebelde. Foi contra o statu quo. Não concedeu aos "desenvolmentirosos" o silêncio que eles pediam. Ele trabalhou para que o desenvolvimento de

África nascesse em África nas suas sociedades sob a influência de valores, de causas internas.

Ele próprio o dizia muitas vezes, ele escolhia "colocar correctamente os problemas; e estar preparado para apoiar com alguns exemplos". Para isso ele inspirou-se, entre outras coisas, na "jazida" das culturas das sociedades de África baseadas na oralidade.

Sabedoria africana e desenvolvimento

Joseph Ki-Zerbo aborda temas importantes, graves, sérios, muitas vezes relacionados com o desenvolvimento endógeno em África, com humor e seriedade, simplicidade e pedagogia.

Enfrentou desafios, questões em jogo (que clarificou), colocou questões graves, tais como:

> ... quem vai gerir as mutações económicas africanas em curso, e em proveito de quem? Um dos seus artigos é dedicado às "aventuras africanas da ideia europeia de desenvolvimento".

Os provérbios constituem condensados de sabedoria, suficientemente explícitos, para o bem-estar (diário) do indivíduo e do grupo social. O próprio Professor Joseph Ki-Zerbo lembrou, o provérbio é um "comprimido de sabedoria". Ele "resolve através da sua lógica peremptória". Sobre os provérbio, disse ele que eram "poços, fontes de consciência".

O provérbio é um pensamento (uma palavra) se basta a si próprio, mas que permite também ir-se para além da sua substância, que dá a oportunidade de a analisar, de a desenvolver. A simples leitura ou audição desses provérbios, desses ditados, suscita nos interlocutores de Joseph Ki-Zerbo, ou dos que lêem os seus escritos, a reflexão, mas sobretudo uma certa consciência de si, dos outros, das suas responsabilidades. Ele utilizou várias vezes nas suas análises algumas dessas sentenças populares, desses princípios-verdade que decorrem do bom senso e da experiência comum:

> Se deste um salto em direcção ao fogo, sobra-te um outro salto a dar.
>
> O dinheiro é bom, mas o homem é melhor porque responde quando se chama por ele.
>
> Se queres andar depressa, caminha só. Se queres ir longe, caminha com os outros.
>
> É reunidos que os tições ardem: é separados que eles se apagam.

"Quando se caiu, deve-se olhar para onde se tropeçou em vez do sítio em que se caiu".

Joseph Ki-Zerbo apropria-se, como bom africano, destes ditados do património oral das nossas sociedades ancestrais. O seu pensamento, a sua filosofia baseia-se na sabedoria africana. Como professor pedagogo, ele vai para além do provérbio para comunicar, enviar mensagens claras aos seus contemporâneos de todas as idades, de todas as condições, de todas as origens. Aqui estão então as suas expressões (em estilo figurado>) próprias dele, os seus ditados, provérbios atrás de provérbios.

> É preciso encontrar-se vias alternativas. É preciso conhecer a África. É preciso ajudar os africanos a se conhecerem eles próprios através de uma pesquisa endógena, a fim de deixar de se apreender e forjar o desenvolvimento africano por procuração. Pois "não se pode pentear ninguém na sua ausência. "É melhor conservar a cabeça do que o chapéu". "É melhor manter a nossa personalidade do que +preservar os diversos chapéus de desenvolvimento com os quais tentam enfarpelar-nos. Pois sem a cabeça, para que serviria o chapéu?"

Em África a palavra é fundamentalmente democrática. Os sábios bambara dizem-no (Mori Julien Marie Sidibé que foi Bispo de Ségou no Mali lembra-nos no seu livro dedicado ao *Devenir du Mali à la lumière de ses racines socio-culturelles: "Jè ka fo ani jè ka kè! Jè ka kè daamu yé/* É um prazer sem igual partilhar a acção"… para além da palavra

> O homem não nasce "eu", ele nasce "nós". Quando cheguei, estava nas mãos deles; quando partir será também nas mãos deles.

Inspirou-se na sabedoria e na filosofia africana, nas representações dos povos africanos, para lembrar que mais do que nunca os africanos devem conhecer-se. "… O mais importante para o ser humano é conhecer-se a si próprio":

> « *Ki yèrè don, o dé rè ko ré, o dé ka fisa à bè yé.* » Contrariamente, ignorar-se a si próprio, é ser um destroço levado pela água. É o fracasso programado do desenvolvimento "pronto a vestir", sejam quais forem os meios investidos.

Uma das suas "ideias mestras" é a seguinte:

> Dizer que o desenvolvimento é uma auto-realização que vai por si só para um nível superior, quer dizer com um valor acrescentado, significa que não se deve funcionar no sistema global por conta ou em proveito de outros actores. Assim, é ser-se si próprio. Mas si próprio, quem é? "Não se pode pentear ninguém na sua ausência": se o interessado não se conhece a si próprio, se ele não for conhecido. A identidade é o famoso ponto de apoio da alavanca que constitui a rampa de lançamento de qualquer desenvolvimento. Conclui: "A História fornece o filme e o sentido que subtende a imagem contemporânea".

História-representação e consciência

Como pensador-pesquisador lúcido, Joseph Ki-Zerbo diz: "Lancemos um olhar crítico no cesto da nossa história para seleccionar ou reinterpretar com conhecimento de causa a partir das pregnâncias e das citações do tempo presente".

Observa que a ideia de desenvolvimento que não é historicamente estranha às sociedades africanas foi "oferecida" de páraquedas no século XX, enquanto que desde há séculos a "história real" tinha estado em flagrante contradição com o auto-desenvolvimento; pior, tinha-o impedido.

Uma das condições do desenvolvimento identificada por Joseph Ki-Zerbo é a consciência histórica "… que dá sentido aos três tempos do homem (passado, presente, futuro) inacessíveis enquanto a consciência não as assumir para lhes mudar o sentido".

Depois de ter definido os dois termos que ele muitas vezes utilizou: "História" e "Desenvolvimento", chega a uma constatação e a uma interrogação.

Constata que os "… dois pólos do tema permanecem assimétricos". Coloca a questão central do seu pensamento, da sua obra intelectual: "A História sempre existiu; ela é consubstancial ao homem. E o desenvolvimento?"

A resposta é clara: "Isso é menos certo! Porque se trata de países subdesenvolvidos, em vias de desenvolvimento".

Lembra que "Nas cavernas do tempo do Homo erectus, não se discutia sobre o desenvolvimento; mas praticava-se, mesmo assim, o desenvolvimento: era uma

questão de vida ou morte". Fala da História como representação e jazida.

> Cita tanto as riquezas naturais, os monumentos e tesouros do património histórico, os produtos e as receitas da farmacopeia e da medicina das sociedades ancestrais, como os saberes tecnológicos, as formas de organização, as línguas africanas, os valores e "mitos motores", as artes e o artesanato que "criam as condições do desenvolvimento". Fala de todos esses valores como sendo "cristalizações históricas" reinvestidas ou para melhor reinvestir no desenvolvimento de hoje.

Depois de ter tratado o aspecto objectivo da História, ele interessa-se pela vivência, pela consciência histórica. Fala então do conceito da totalidade que se impõe. Explica que sem um mínimo de "consciência do tempo total" (passado, presente, futuro) "… nós ficamos mutilados e desnudados de sentido".

Faz a ligação entre a "história real" e a "História-representação" e a "Consciência histórica".

Um outro resumo do seu pensamento: "Não se deve empurrar a extra-versão até a vender a sua própria história para se comprar o desenvolvimento de outrem. Não se deve confundir… passado e ultrapassado. O objectivo é fazer coincidir a história do desenvolvimento e o desenvolvimento da história".

Para tal, ele indica duas "principais alavancas".

No registo de "… a História representação e consciência", trata-se de difundir ao máximo na juventude africana a imagem, as imagens da África de ontem, para lhes mostrar o curso superior, a própria fonte do rio onde eles se agitam hoje. É por essa razão que ele próprio se investiu para fazer "… do desenvolvimento um vasto empreendimento de educação e da educação um vasto empreendimento de desenvolvimento".

Do ponto de vista da História real, ele recomenda que se resolva a questão da sociedade civil e que se identifique e se atrele às mesmas lutas, os grupos sociais que constituem aliados naturais.

Depois de ter demonstrado aos "desenvolvedores" de África que o verdadeiro desenvolvimento de África não poderá vir do exterior, Joseph Ki-Zerbo foi o advogado da causa da África, da nossa causa. Ele enviou sinais de alerta. Procedeu a interpelações, recomendou aos africanos para protegerem as defesas imunitárias das nossas sociedades para se evitar o desmoronamento, o que ele chamava o "sida colectivo"

Desenvolve-se: os discursos do intelectual enraizado, as suas ideias enraizadoras

Segundo Joseph Ki-Zerbo, as crises vividas pelos africanos são pré-catástrofes, mas também oportunidades, pois existe sempre um "limiar de exigência, um momento em que se tem que se dar o famoso salto para fora do fogo, o sobressalto (recomendado pelos sábios de África)", depois do salto para o fogo.

Como teórico "criador" do desenvolvimento endógeno, analisou o desenvolvimento em várias formas. A prova disso são as numerosas definições do desenvolvimento e do desenvolvimento endógeno.

Para além dos princípios fundadores, fundamentais do seu pensamento, Joseph Ki-Zerbo, testemunho activo do seu tempo fez recomendações.

O desenvolvimento (o endógeno vivo) visto por Joseph Ki-Zerbo

Como pedagogo, Joseph Ki-Zerbo teve o cuidado de definir com precisão os conceitos de "desenvolvimento" e de "desenvolvimento endógeno".

Segundo ele, "Desenvolver-se, é multiplicar as suas possibilidades libertadoras de escolha". Desde 1989 que o Professor Ki-Zerbo afirma com vigor:

> Não se desenvolve, desenvolvemo-nos". Depois, especificando o seu pensamento ele acrescentou: "Não existe nenhum desenvolvimento "já pronto". O único desenvolvimento viável e válido, é o desenvolvimento na cabeça". "Desenvolver-se é ser, ser sempre mais, reproduzir-se e não apenas produzir. Participar em co-responsabilidade".

Fez a ligação com a cultura:

> Desenvolvimento significa, claro está, ter, saber, mas sobretudo poder. Poder de se nomear, de nomear os seres, as coisas e os factos incluindo na esfera do imaginário, do lúdico, do ético e do estético, do mítico.

Chama a atenção para o facto de o endógeno não é o passado que ele define como "um presente efervescente no seu tempo".

> O endógeno não é nem um africanismo a mais, nem uma neo-negritude. É um conceito universal. O endógeno não é nem um tesouro enterrado que devemos desenterrar, nem um diapositivo fixo na contemplação. É o momento de um processo: um misto na verticalidade do tempo entre o antigo e o novo e na horizontalidade do espaço "poroso a todos os sopros do mundo", (A. Césaire).
>
> Para nós, o desenvolvimento endógeno é desde sempre uma alternativa sem alternativa.

Ele não definiu o desenvolvimento endógeno em pura teoria.

Aquando da sua reflexão sobre o tema da gestão tradicional da água na África negra, esse artigo relativo a um recurso natural indispensável à vida, Joseph Ki-Zerbo o "intelectual orgânico" demonstra a sua inclinação para uma pesquisa endógena sobre temas susceptíveis de melhorar a vida dos africanos do seu tempo, desorientados por muitos abalos que marcaram a sua história.

Afrima:

> Numa mesma sociedade, há correntes que participam antecipadamente e outras que chamam já o futuro, constituindo o conjunto do que nós chamamos o endógeno vivo…

Para além disso, ele traz à luz os direitos humanos biológicos e socioeconómicos, os direitos de carácter sociopolítico e os fundamentos culturais e éticos desses direitos.

Em seguida faz um apelo fervoroso:

> ...Se é preciso recusar a fuga para se afundar no particular dos outros, baptizado de universal, é preciso também rejeitar a fuga para um passado que apenas valeria como património mumificado. É o endógeno vivo, um misto indissociável de aqui e de outro lugar, de ontem e de hoje que é preciso gerir e transformar. Um grande esforço de refundação colectiva e de criação das condições para um desenvolvimento económico e social autónomo impõe-se, se não quisermos continuar a mendigar para sobreviver.

Recusou o "falso dilema do particular e do universal".

> Todas as culturas do mundo podem entender-se relativamente a este objectivo estratégico. O universal não é

> o particular de uns imposto a todos os outros. Não é a justaposição estéril de todos os particulares. É a agregação por inter-fecundação do que há de melhor, de mais suculento e de maior em todos os particulares a fim de se fazer disso uma razão de viver suficientemente poderosa, uma ideia mestra: para nos arrancar do estado bestial do instinto com vista a responder ao apelo interior que nos convoca para as esferas mais altas da nossa condição humana.

Sendo o desenvolvimento por definição um processo endógeno, ele recusa-se a reduzir o projecto de sociedade a um projecto económico. Repreende a ideia de desenvolvimento da acumulação de bens e de serviços, mas também de valores sociais. Deduz a partir daí que o verdadeiro desenvolvimento é pois alternativo e não se pode exprimir da mesma maneira em todo o planeta.

Joseph Ki-Zerbo não se contentou de pensar, comunicar o seu pensamento, quis indicar a via, dar pontos de orientação

As recomendações de Joseph Ki-Zerbo

Em África, a palavra é profunda, sobretudo a dos filhos mais velhos (com experiência). O africano autêntico faz a ligação entre o seu pensamento, as suas palavras, as suas práticas.

Pour Joseph Ki-Zerbo :

> As condições de uma teoria e de uma prática, de um discurso e de uma política para um "desenvolvimento centrado no povo" são tão importantes como o próprio conteúdo desse desenvolvimento, pois elas constituem a correia de transmissão entre o ideal e a realidade.
>
> Trata-se de "provocar as sinergias fecundas entre os centros da pesquisa cooperativa e participada, baseada na acção por cima e desembocando na acção-pesquisa". A sociedade deve ser transformada em laboratório. A pesquisa "enraizada e enraizadora" deve provocar o despertar de uma consciência critica em todos.
>
> A participação é ao mesmo tempo um meio e um fim; com efeito, a necessidade de participar é uma exigência vital essencial e existencial. Mas ao mesmo tempo, a participação é um meio único de formação recíproca, e uma maiêutica permanente do saber concreto e colectivo.

Faz-nos ver que temos o direito e o dever de nos conhecermos, o direito de ser conhecido objectivamente.

Mostra-nos a necessidade de uma pesquisa-desenvolvimento. Devemos saber quem somos nós, pois ninguém nos desenvolverá.

> O desenvolvimento é uma passagem de si para si próprio a um nível superior, nas relações com soma positiva com os outros… trata-se de ser alguém, de ter uma personalidade na História. Trata-se de jogar um "papel autónomo" porque não atribuído por outros.
>
> As condições do desenvolvimento são a "consciência histórica", a "democracia" e a "integração social". Finalmente faz-nos ver que deveríamos dizer, os desenvolvimentos. Tal como falámos antes da civilização antes de avistar as civilizações.

Os africanos, diz ele, revelam-se como pessoas que dormem demasiadas vezes em cima de tesouros. Nós dormimos sobre as nossas línguas africanas tal como jazidas inexploradas. Nós dormimos por cima das nossas reservas de ecossistemas: florestais, faunísticos, haliêuticos. Os nossos saberes estão em pousio; e arriscamo-nos a dormir sobre as minas fabulosas e não visíveis em valor da solidariedade africana.

Como africano autêntico, pesquisador e pensador, ele pergunta-se: "O que fazer da solidariedade africana?" Ele chama a atenção para o facto de há "… muitos ingredientes da solidariedade social africana que serviram de viático aos nossos povos desde há milénios e podem ainda servir como combustível; cabe-nos a nós identificá-los e dar-lhes um novo papel. É o princípio que importa, a norma essencial e não as modalidades."

Lançando sempre olhares retrospectivos e prospectivos sobre as sociedades africanas, afirma:

> Apenas a identidade regional africana pode conferir um papel digno do continente no mundo. Seremos visíveis e credíveis apenas a este preço. É reunidos que os tições ardem: é separados que eles se apagam. Por exemplo, a ciência será inter e pan-africana ou não o será.

É um leitmotiv:

> "O homem são os outros. Lembra assim: "Se queres andar rápido, caminha sozinho. Se queres ir longe, caminha com os outros".
>
> A memória deve ser um trampolim para o futuro.
>
> "Ciência sem consciência"" (nomeadamente em matéria dos saberes africanos em matéria de saúde, de educação, de solos, de biodiversidade…).
>
> O desenvolvimento não é uma corrida olímpica.
>
> A África começou mal (tráfico e colonização). Ela teve um "estatuto de vagão". "A árvore das estatísticas do crescimento não deve esconder a floresta do desenvolvimento".
>
> Devemos aceitar o bilhete de identidade que nos é oferecido, o dos "países menos desenvolvidos (PMD) ou dos países pobres altamente endividados (PPAE)? Países receptores? "Marcados pelo ferro em brasa da esmola?" Os Estados africanos, diz ele, são "Estados anões", "Estados mendigos". É necessário sentarmo-nos à mesa dos ricos?
>
> Devemos tornarmo-nos culpados por não assistência a pessoas em perigo? Em cada dia há um genocídio invisível que se opera debaixo dos nossos olhos, mas com uma mão invisível?
>
> O capitalismo não pode então ser o nosso "bode expiatório de serviço", o álibi das nossas próprias falhas e torpezas.

Educar ou morrer! Para além do slogan "A educação para todos", ele anuncia um "desafio" e uma "ardente obrigação".

Alguns anos antes do seu falecimento, ele coloca num livro, a questão *Para quando a África? (À quand l'Afrique?)* E como pan-africanista convicto e "endurecido" aborda num filme a questão das identidades e da identidade em África, da integração africana. Nos dois casos ele dá prioridade à expressão clara do seu pensamento em entrevistas. Os seus documentos são uma mina de recomendações para se meditar para a acção.

Ele coloca questões, verdadeiras interpelações que apelam, necessitam de respostas e de actos. Ele coloca como postulado, a possível combinação do crescimento das cifras com o desenvolvimento cultural enraizado na história.

Desenvolvemo-nos: as práticas do intelectual enraizado

Joseph Ki-Zerbo soube resistir à "dicotomia" entre pensamento e acção, a grande tentação dos pesquisadores".

Para além disso, ele aplicou o princípio de vida dos Bambara do "*Djè ka fo - Djè ka kè* " segundo o qual o pensamento, a palavra "chama" a comunicação (entre pensadores) e a acção comum.

O técnico do desenvolvimento (do endógeno vivo) em África

Joseph Ki-Zerbo teve sempre sede, uma necessidade vital de comunicar com os camponeses, intelectuais, sobretudo os jovens, reflectir com eles; despertar as consciências que funcionam mais ou menos "conscientemente" com "softwares" vindos de outros lugares.

Pesquisador entre os pesquisadores, a sua contribuição para a promoção de uma pesquisa endógena em África é hoje visível e notável. Ele investiu-se literalmente para a fundação do Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CAMES) criado por dezassete chefes de estado ou de governos africanos, em Niamey, no Níger, a 22 de Janeiro de 1968 e estruturado depois em Lomé no Togo, em Brazzaville, e depois em Antananarivo.

Os programas dos concursos para professores titulares do ensino superior do CAMES eram sobre a medicina humana, farmácia, odonto-estomatologia, medicina veterinária e as produções animais, mas também sobre as ciências jurídicas, económicas e de gestão.

Os três outros programas do CAMES eram sobre a equivalência dos graus e diplomas de ensino superior e profissional entre os países membros; sobre a medicina e a farmacopeia tradicional africanas; e sobre o conjunto de questões relativas à carreira dos professores das universidades dos Estados membros, nomeadamente, do estabelecimento das listas de aptidão para as funções e graus do ensino superior.

Esses programas não foram "projectos nados-mortos". Eles são ainda hoje actuais. Os pesquisadores africanos de hoje são a prova viva disso, dada a sua própria existência e os frutos das suas pesquisas.

Em Abril de 2007, em Yaoundé nos Camarões, o Conselho decidiu igualmente a criação do prémio internacional "Rakoto-Rasimamanga" (nome de um eminente pesquisador malgaxe, mas também autor de muitas descobertas, entre as quais o primeiro anti-diabético de origem vegetal) para a valorização da farmacopeia tradicional e da medicina tradicional africana.

Para chegar a este estádio, Joseph Ki-Zerbo organizou várias reuniões de pesquisadores em farmacopeia africana que marcaram uma data e continuam na memória dos que nelas participaram e são testemunho ainda hoje. Os documentos elaborados nessas reuniões ("Djè ka fo") são documentos de referência, verdadeiros pontos de orientação, pontos focais.

Joseph Ki-Zerbo lutou pela *promoção da saúde* em África. Por exemplo, em Dezembro de 2004, no 13.º colóquio sobre a farmacopeia e a medicina tradicional africanas, um universitário, pesquisador centro-africano, fez uma comunicação sobre o tratamento tradicional de 150 doentes com base em plantas, baseado numa experiência no terreno.

Um ministro africano disse do CAMES que este era um verdadeiro instrumento de integração africana.

Joseph Ki-Zerbo lutou pela *promoção dos direitos humanos* (recusando a impunidade, os crimes de sangue) no âmbito do colectivo composto por cerca de cinquenta organizações da sociedade civil e partidos políticos criado na sequência do assassinato do jornalista Norbert Zongo. Durante as marchas e reuniões organizadas por este colectivo, lançou o famoso slogan "Nan laara, an sara!": "Se nos deitamos, estamos mortos"! "Captado" pelo colectivo e não só. Participou do começo até ao fim nessas marchas e nessas reuniões (apesar da sua idade avançada) mas também àquilo que ele chamou o "sobressalto humano e cultural".

Ele próprio disse:

> No CEDA que foi fundado em 1980, o nosso cartão de visita é simples, mas ambicioso: somos advogados e militantes do desenvolvimento endógeno tal como foi definido em "A esteira dos outros"…

No Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano (CEDA) do qual foi o fundador, dentro do qual criou a rede "Parceria Homens e Mulheres para o Desenvolvimento em África (PARTHEFDA) composto por grupos de homens e de mulheres, produtores na base, ele reflectiu igualmente sobre as ligações entre os desafios fundiários, a segurança alimentar e a protecção da biodiversidade.

O Professor Joseph Ki-Zerbo mostrou as ligações entre essas três componentes do tema e demonstrou que "… o progresso *na* dependência é de algum modo um progresso *da* dependência…"

Ele não fez a reflexão sozinho. Uma vez mais, o princípio do "*Djè ka fo - Djè ka kè*" (o princípio que exige comunicação, concertação e acção comum consequentemente) funcionou, pois em África "Não se conhece o 'eu', mas o 'nós'".

Jacqueline Ki-Zerbo, sua esposa, coordenadora do PARTEHFDA, explica a experiência nestes termos:

> A ideia de Joseph Ki-Zerbo é que a reflexão deve articular-se com a acção. Conseguiu assim concretizar, pôr em prática o princípio contido no adágio africano segundo o qual "Dormir na esteira de outro, é dormir no chão", ilustrado no livro intitulado *La natte des autres*. Ele sempre quis desenvolver o diálogo entre os praticantes, os técnicos e os pesquisadores. Por ocasião do seminário sobre "Os desafios fundiários, a segurança alimentar e a protecção da biodiversidade", produtores rurais, técnicos e pesquisadores comunicaram em torno do tema dos saberes e do *know-how* endógenos. Os técnicos fizeram o ponto de situação em relação às inovações técnicas e tecnológicas. Os pesquisadores aplicaram-se a facilitar o diálogo entre os dois grupos, tudo isto para fazer avançar a procura de soluções adequadas para os problemas encontrados no terreno. Esta pesquisa foi realizada segundo uma metodologia precisa em três zonas ecológicas. Relatórios regionais foram elaborados, e depois examinados no decurso de seminários regionais e de um seminário nacional.

Todas as mensagens, engajamentos, todas as lutas de Joseph Ki-Zerbo têm ainda hoje influências, uma influência positiva sobre a vida diária dos africanos e o desenvolvimento endógeno das nossas sociedades, em termos de resultados, de consciencialização dos actores incontornáveis do desenvolvimento de África.

O modelo de comportamento: a pesquisa em comum

A convicção de Joseph Ki-Zerbo era de que a pesquisa em África devia ser pan-africana. Durante o seu exílio político que durou cerca de dez anos, tempos de provações, Joseph Ki-Zerbo não deu tréguas aos "desenvolvimentirosos", ele continuou a intensificar a sua reflexão e a sua acção no quadro do Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Endógeno (CRDE) fundado com pesquisadores africanos.

Tirando lições do adágio africano: "Dormir na esteira dos outros, é como dormir no chão", o colóquio do CDRE que teve lugar em Bamako em 1989 foi uma experiência viva da pesquisa interdisciplinar, uma ocasião para concretizar o ideal de uma "Pesquisa pan-africana enraizada e enraizadora":

Foi a ocasião de concretizar o seu pensamento, o seu discurso. Foi um sucesso, dado que especialistas de várias disciplinas das ciências exactas e das ciências sociais, homens de terreno e/ou teóricos, comunicaram durante vários dias. Durante esse colóquio, foi claramente demonstrado que não deve haver nenhuma dicotomia entre a teoria e a prática. "O CDRE pensa que não há prática válida sem uma teoria da prática. Apenas esta nos propulsa para a comunidade internacional".

Em Bamako, cerva de trinta pesquisadores tomaram a sua parte na "tarefa de emparcelamento e de integração global que se impõe aos nossos povos sob pena de apagamento". Bamako foi o local de reunião de comunicação desses pesquisadores. O colóquio foi uma ocasião para de pôr em comum os pensamentos para um desenvolvimento (autenticamente) endógeno em África.

O historiador Joseph Ki-Zerbo falou do CRDE como sendo "uma garrafa lançada ao mar… no oceano do tempo que é preciso assumir e ultrapassar". Pois, como o diz bem o provérbio africano: "É preciso cavar os poços de hoje para as sedes de amanhã".

Conclusão

Ao colocar a questão *À quand l'Afrique?*, Joseph Ki-Zerbo faz um apelo a África do futuro. A questão é simultaneamente uma provocação, uma invocação, uma convocação, um desafio. Ele dirige-se aos partidários só statu quo. Aos jovens, ele diz: "É preciso lutar para uma "Alter África".

Joseph Ki-Zerbo não foi nem um afro-pessimista, nem um optimista beato. Fez questão de dizer (contrariamente ao que é proclamado em certos discursos) que a África não arranca, mas sobrevive. "Não se deve ser um explorado idiota!" Como pedagogo, exprimiu a sua raiva de compreender, de se fazer compreender. Teve a ambição de indicar o sentido da História.

Baseou o seu pensamento e a sua obra nas "perspectivas históricas". Colocou o seu olhar de historiador sobre a "impotência africana". Fez "diagnósticos". Para além disso, propôs a recuperação de África "… através da eliminação das tendências negativas identificadas, em benefício das continuidades e mutações positivas, com vista a se encontrar, para a história do continente, os caminhos de um caminho ascendente". Melhor, ele identificou essas mutações e continuidades negativas e positivas que marcaram a história de África.

Um dos resumos do pensamento do Professor Joseph Ki-Zerbo encontra-se na forma explícita: "Ser africano antes de ter. Ser para ter".

Durante uma entrevista dada ao jornal *Bendre* a 10 de Fevereiro de 2005, ele disse:

> ... Desejo que os jovens coloquem na construção de África a mesma paixão que a que nos devorava na luta pela independência. Que eles acordem com chicotadas do seu sono cúmplice, os chefes de estado que não se interessam pela integração africana.

Tal como os seus ancestrais, ele compreendeu e viveu o princípio de vida que o é o de dizer com os outros, utilizar o seu direito de palavra com os outros, agir com os outros, tomar a sua parte de responsabilidade, ser. Os Bambaras dizem com efeito:

> *An taala ye nyongo ye* : "Para ir onde nós vamos, a natureza estabeleceu-nos um caminho: uns pelos outros…".

Da mesma maneira, a sabedoria bambara enuncia esta verdade evidente susceptível de ser esquecida ou omitida:

> *Dynyè to bè ko :* "Caminhamos com os olhos fixados no passado e no futuro (tendo uma memória e um projecto concordantes). Nem o homem nem o mundo nos revelaram ainda o seu segredo".

Joseph Ki-Zerbo não pretendeu nunca tratar a fundo os temas que ele abordou. Participando numa reunião de pesquisadores, ele afirmava:

> "Eu participo, portanto sou" e lembrava um ditado africano segundo o qual "No baile, a festa dos pássaros traz grãos"! Acrescentava: "Espero que algumas das ideias que vou avançar vos venham a servir de grãos, talvez não para consumo imediato, mas para semear, deixar crescer, deixar amadurecer."

É nesta ordem de ideias que uma europeia militante da cultura do diálogo me dirigiu a 8 de Dezembro de 2006 a seguinte mensagem:

> " Cara Françoise,
>
> A chama acendida pelo seu pai não se apagará nunca. A África surgirá com os seus mais belos valores e toda a sua sabedoria, estou convencida disso. O tempo não nos pertence. Sejamos perseverantes…".

Cada uma, cada um, deve contribuir para enfrentar esse desafio permanente! Em qualquer hipótese, tal como lembra um provérbio africano:

> "A palavra do velho sábio é como uma roda. Quando ela é lançada, ela acaba sempre por parar".

Post scriptum

Convém falar do prefaciador, Joseph Ki-Zerbo. Ele redigiu o prefácio do livro dedicado à medição do direito à educação no Burkina Faso, redigido por um grupo de pesquisadores, discutido no último festival "Ciné Droit libre" cuja última edição teve lugar a 4 de Julho de 2007. Esse livro será traduzido em quatro línguas do burkina faso (sendo três línguas nacionais: o mooré, o dioula e o fulfuldé.

É preciso igualmente citar, de entre os últimos prefácios que ele redigiu, o da recolha de poemas intitulado *Nègres* e o de uma recolha de fotografias tiradas em África por um europeu.

Referencias

Ki-Zerbo, J., 1972, *Le Monde africain noir : histoire et civilisation,* Paris : Hatier.

Ki-Zerbo, J., 1978, *Histoire de l'Afrique noire : d'hier à demain,* Paris : Hatier.

Ki-Zerbo, J., dir., 1980, *Histoire générale de l'Afrique.* Vol.1. *Méthodologie et préhistoire africaine,* Paris : UNESCO.

Ki-Zerbo, J., 1990, *Éduquer ou Périr !,* Paris : UNESCO.

Ki-Zerbo, J., dir., 1992, *La natte des autres. Pour un développement endogène en Afrique.* Actes du colloque du Centre de Recherche pour le Développement Endogène (CRDE), Bamako 1989. Paris : Karthala, Dakar : CODESRIA.

Ki-Zerbo, J., 2003, *À quand l'Afrique ?* Entretien avec René Holenstein, La Tour d'Aigues F-84240 : Éditions de l'Aube (Diffusion Seuil) ; Genève : Éditions d'en bas.

Ki-Zerbo, J., 2007, « L'emploi contre la pauvreté ! Une croisade, un slogan ou un alibi ? », In *Voix rebelles du monde*/Rebel Voices of the World, …….. : % attac-04 et HB Éditions.

Ki-Zerbo, J., 2007, *Repères pour l'Afrique,* Dakar : Panafrika/ Silex/Nouvelles du Sud.